

A HISTÓRIA DA EXISTÊNCIA HUMANA EM ÁLVARO VIEIRA PINTO

Vanderlei Amboni*
(UNESPAR, Brasil)

 <https://doi.org/10.29404/rtps-v10i15.1235>

Resumo: este ensaio apresenta uma reflexão acerca da existência humana no pensamento de Álvaro Vieira Pinto, cuja base está no trabalho e suas dimensões existenciais por meio da cultura, educação, técnica, ciência etc., sob o qual o antropoide se hominiza na relação com a natureza por meio do trabalho. Nosso objetivo é trazer a forma peculiar do pensamento de Álvaro Vieira Pinto sobre a existência do homem no devir histórico de sua vida dialética. Para tal fim, nossa investigação estuda as obras: *Consciência e realidade nacional*; *Ciência e existência*; *A demografia com ciência*; *O conceito de tecnologia*, dentre outras. Na exposição, as reflexões partiram do método dialético, cuja base de trabalho traz a dimensão do ato humano de produzir a vida e, com ela, as dimensões de sua existência. Como resultado, o leitor poderá comprovar as reflexões feitas por Álvaro Vieira Pinto sobre a existência humana, cujo movimento na produção de bens necessários à vida corresponde a uma determinada ciência técnica, que é coetânea ao ser social.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto. Trabalho. Trabalho e Educação. Ciência e Cultura. Técnica e Tecnologia.

THE HISTORY OF HUMAN EXISTENCE IN ÁLVARO VIEIRA PINTO

Abstract: this essay presents a reflection on human existence in the thought of Álvaro Vieira Pinto, whose basis lies in work and its existential dimensions through culture, education, technology, science, etc., under which the anthropoid becomes humanized in relation to nature through work. Our objective is to present the peculiar form of Álvaro Vieira Pinto's thought on the existence of man in the historical becoming of his dialectical life. To this end, our investigation studies the works: *Consciousness and National Reality*, *Science and Existence*, *Demography with Science*, *The Concept of Technology*, among others. In the exposition, the reflections are based on the dialectical method, whose basis of work brings the dimension of the human act of producing life and, with it, the dimensions of its existence. As a result, the reader will be able to verify the reflections made by Álvaro Vieira Pinto on human existence, whose

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atua como docente do Colegiado de História no Campus de Paranavaí da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). É pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo da UFSCar e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Diversidade do Campo da UNESPAR.
ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9250782741810709>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7698-4064>. E-mail: vanderlei.amboni@unespar.edu.br

movement in the production of goods necessary for life corresponds to a specific technical science, which is contemporaneous with the social being.

Keywords: Álvaro Vieira Pinto. Labor. Work and Education. Science and Culture. Technique and Technology.

LA HISTORIA DE LA EXISTENCIA HUMANA EN ÁLVARO VIEIRA PINTO

Resumen: este ensayo presenta una reflexión sobre la existencia humana en el pensamiento de Álvaro Vieira Pinto, fundamentada en el trabajo y sus dimensiones existenciales a través de la cultura, la educación, la tecnología, la ciencia, etc., bajo las cuales el ser humano se humaniza en relación con la naturaleza mediante el trabajo. Nuestro objetivo es presentar la forma particular del pensamiento de Álvaro Vieira Pinto sobre la existencia del hombre en el devenir histórico de su vida dialéctica. Para ello, nuestra investigación estudia las obras: *Conciencia y realidad nacional; Ciencia y existencia; Demografía con ciencia; El concepto de tecnología*, entre otras. En la exposición, las reflexiones se basan en el método dialéctico, cuyo fundamento del trabajo introduce la dimensión del acto humano de producir vida y, con ella, las dimensiones de su existencia. Como resultado, el lector podrá verificar las reflexiones de Álvaro Vieira Pinto sobre la existencia humana, cuyo movimiento en la producción de bienes necesarios para la vida corresponde a una ciencia técnica específica, contemporánea del ser social.

Palabras clave: Álvaro Vieira Pinto. Trabajo. Trabajo y Educación. Ciencia y Cultura. Técnica y Tecnología.

Introdução

[...] Para viver é preciso aceitar o confronto com a realidade do mundo, os obstáculos que ela opõe. Por isso constitui-se como finalidade existencial a superação de tais empecilhos ou insuficiências externas. Os atos solucionados da contradição exterior, sempre presente, irão manifestar-se em forma de técnicas, a princípio invenções e descobertas, cujo fundamento reside no reflexo da realidade objetiva no pensamento, logo a transmutado em dados da cultura, que se transmite e que asseguram antecipadamente o êxito da ação humana sobre a natureza [...] (Pinto, 2005, p. 210).

Álvaro Vieira Pinto (Vieira Pinto) foi um pensador singular nos estudos da existência do homem, que é produto do trabalho executado pelo próprio homem no devir histórico da vida social. No aspecto de hominização do antropeide, Vieira Pinto traz profundas reflexões sobre a produção da vida do homem, cujos atos criados para produção da existência¹ são e sempre serão coetâneas à vida material do homem. Na materialidade da vida histórica do homem ele cria os instrumentos necessários à produção necessária para

¹ Para nós, a categoria 'existência' nada tem de idealista nem de antissocial, não significa 'o modo pessoal de vida', mas ao contrário, implica tudo quanto há de pessoal na individualidade, os fundamentos materiais, objetivos, sociais das determinações particularizantes, que engendram o ser único e insubstituível a partir de condicionantes coletivos e gerais. A existência não se reduz à consciência, conforme a tese central das filosofias existencialistas, mas adquire a apresentação da realidade a partir do processo biológico que produz essa representação em função das condições sociais objetivas (Vieira Pinto, 2005, p. 23).

a resolução de uma contradição com a natureza. Nela, Vieira Pinto é taxativo ao afirmar que “[...] o homem só inventa as técnicas de que necessita em cada época histórica, e são aquelas que podem ser descobertas no tempo considerado, em função, e com auxílio, das que tem à disposição, ou seja, com base na realidade material das que se acham ao seu alcance [...]” (Vieira Pinto, 2005, p. 400). Neste aspecto, Vieira Pinto demonstra com erudição o princípio fundante do ser social pelo trabalho e sua materialidade no tempo histórico, sob o qual a produção da vida social é exercida pela técnica desenvolvida na resolução do problema posto à existência, com planejamento dentro da cultura e da razão técnica presente em cada formação humana de seu tempo histórico. Portanto, traz a dialética na compreensão da existência do homem em seu processo histórico nas condições dadas e encontradas no mundo natural, no qual ele age para produzir a vida material, criando as formações sociais com base no modo de produzir a vida e as instâncias da vida social.

Para fins de nossos estudos, as investigações foram feitas sobre as obras *Ciência e existência*, de 1969; *Consciência e realidade nacional*, volumes 1 e 2, de 1960; *O Conceito de tecnologia*, volumes 1 e 2, escrito nos idos de 1970; *Por que os ricos não fazem greve*, de 1962; *El pensamiento crítico en demografía*, de 1973, dentre outras. Nelas, Vieira Pinto problematiza a existência humana de modo peculiar, onde traz a ação do homem em seu devir histórico como criador da cultura material, da técnica produtiva e da produção da vida material pelo trabalho coetâneas à existência humana.

Na produção da vida, o isebiano Vieira Pinto (1962, p. 8-9) atesta: “[...] não está dada de uma vez para sempre em cada indivíduo pelo simples fato de nascer, mas tem de ser criada por ele ao longo da existência, dependendo, portanto, das condições materiais, sociais, em que decorrerá sua existência”. Com efeito, Vieira Pinto (1960a, p. 60) afirma que “o trabalho não é apenas atividade exercida exteriormente pelo homem, mas fator constitutivo da sua natureza, no sentido de que é por intermédio dele que se realiza a humanização progressiva do homem, e que cada um constrói a sua consciência da realidade [...]”. E como o homem constrói a consciência da realidade? Vieira Pinto observa que na investigação do real o homem constrói respostas à sua inquietação, toma consciência da realidade material de sua existência, cuja prática investigativa pode levar o homem a resultados inimagináveis em tempos passados na produção da ciência e, com ela, a potencialidade ampliada de ações. Com efeito, Vieira Pinto (2005, p. 315) diz-nos que “[...] a ciência de cada momento lança mão das técnicas de pesquisa ao seu dispor, mas, ao fazê-lo, cria outras, que, por sua vez, vão ser utilizadas para produzir novo avanço da ciência, e assim por diante [...]”. Aqui, está presente a dialética, pois a investigação metódica do processo real traz a consciência do real. Nela, há que se captar os detalhes da matéria analisada, rastreando as conexões internas e a materialidade da história no devir do homem concreto sempre em situações dadas e encontradas no real. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 76, et. seq.) sustenta que “[...] a ciência é uma criação do homem, que descobre a possibilidade de transpor para o plano subjetivo o que é real objetivamente. O homem, ao criar a ciência, descobre que a cria” e, neste aspecto, “toma consciência da unidade destes aspectos contrários: sua penetração no âmago da realidade, pela práxis da pesquisa, e a simultânea transposição em conceitos universais, em proposições e teorias, dos conhecimentos particulares que vai adquirindo um a um [...]”. E isso reside no processo histórico da existência do homem, cujo ato de produção o torna em um pesquisador, em um observador arguto da natureza para nela poder intervir com as técnicas criadas para tal

ato. Neste aspecto, Vieira Pinto (2005, p. 315) afirmou: “[...] em todos os tempos, ou o ser no curso de se humanizar, foi um pesquisador. Esta é a marca da sua realidade, imposta a ele pela natureza, ao entregar-lhes a tarefa de fazer-se a si mesmo com os recursos não mais de ordem instintiva, mas com os reflexos superiores, de que o dotou.”

Há, aqui, a compreensão de Vieira Pinto sobre a construção da subjetividade criada pelo homem no seu desenvolvimento histórico, cuja base é o real objetivado pelo homem. Nela, a ciência se move dialeticamente na construção do conhecimento e do próprio homem, cuja consciência humana toma contato com o real e projeta para o cérebro humano o real transmutado em representações conceituais criadas pelo sujeito na produção da vida, que é sempre real e em contradição social, pois o homem, no curso de sua existência, cria o mundo e as formas de trabalho consolidadas em modos de produção, no qual homens e mulheres vivem, produzem as condições reais de sua existência e se reproduzem biologicamente, sempre em condições dadas e encontradas no espaço-mundo-natural a ser transformado.

Deveras, em seus estudos, Vieira Pinto apontou que no decurso histórico da vida do homem, seu processo constitutivo se dá no ato de transformação da natureza pelo trabalho, cujo ato traz uma intencionalidade de reprodução física-biológica do homem, pois contém uma necessidade imperativa, que é comer, beber, vestir-se, abrigar e amar, que, na evolução do homem, o humaniza pela práxis produtiva. Nela, a formação é um processo de mediação do homem com a natureza de ato contínuo, por meio do trabalho. O ato de reprodução da vida material é um ato condicionado à dimensão ontológica da educação, cuja essência é o trabalho, ente criador do homem e do mundo humano mediado pela práxis, pois “[toda práxis visa a realizar o ser do homem, isto é, com o domínio cada vez mais ativo do mundo onde se acha [...]” (Vieira Pinto, 2005, p. 245).

Na práxis destaca-se a técnica, com sua regularidade, método consciente, que “[...] representa a execução das possibilidades existenciais do homem em cada momento do desenvolvimento histórico de suas forças produtivas, sob formas de invenção e fabricação de máquinas e utensílios” (Vieira Pinto, 2005, p. 245), revela Vieira Pinto a presença da dialética e da historicidade do homem no mundo social, cuja base revela a criação da cultura existencial pelo homem no processo da produção da vida material. Sob este ponto de vista, Vieira Pinto (1969, p. 35) traz o devir do homem sob a premissa da perspectiva histórica e dialética que afirma o princípio da:

[...] ação do homem no mundo natural, [...] produz duas ordens de resultados; a criação de objetos artificiais e a de ideias, com que cada vez vai representando melhor e mais extensamente a realidade no pensamento. Ambos esses tipos de resultados são cultura. A ideia, uma vez formada, prefigura ações futuras sobre a realidade material. Deste modo, em sua própria origem, a cultura é uma síntese da dupla capacidade de agir fisicamente e de representar mentalmente, que o homem adquire ao se ir constituindo fisiológica e psicologicamente em animal diferenciado. Sendo uma síntese, é reunião de modos opostos de ser, de produzir. Desvenda-se, assim, um aspecto capital do conceito de cultura: seu caráter de mediação de toda realização. A cultura é simultaneamente operação inteligente exercida no mundo material e ideação operatória na esfera do pensamento. São dois aspectos distintos da realidade do mesmo agente, o homem, na integridade de sua natureza. Por isso, o homem torna-se o vínculo unificador dessas faces opostas. A unificação entre os dois lados da cultura, ele a cumpre pelo fato de existir [...].

Na nossa abordagem de estudo, organizamos o texto em quatro seções que investigam e expõem o pensamento de Vieira Pinto. Destacamos seu trabalho sobre a produção da existência humana e suas dimensões sócio humanas, incluindo educação,

ciência, cultura e os processos técnicos contemporâneos à vida humano-material. Esses processos impulsionam o desenvolvimento da tecnologia como ciência aplicada à vida social, através da qual o mundo se manifesta na existência humana. Vieira Pinto demonstra essa relação em seus escritos, que foram investigados e estão aqui apresentados, oferecendo ao leitor a oportunidade de confirmar essas observações através da leitura.

O trabalho na produção da vida e das formas de existência humana

[...] a sociabilidade dos homens surgiu e foi se desenvolvendo em formas diversas ao longo do tempo, por efeito do modo particular como esses seres se relacionaram com a natureza no provimento das condições indispensáveis à sustentação da sua vida, por efeito das necessidades impostas pela execução dessa relação vital com o mundo natural, numa palavra, como resultado do trabalho (Vieira Pinto, 1962. p. 9).

Os atos de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar não são atos casuais. São necessidades humanas no processo constitutivo do homem, cuja existência o torna em um ser social interligado à natureza, do qual emerge sua hominização e na qual ele age, por meio do trabalho, na produção da vida, humanizando-se e humanizando os atos de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar. Nestes atos está contida a transformação da natureza e do próprio homem, cuja essência é o trabalho e nele o fazer-se histórico do ser social em sua base material e seu desenvolvimento histórico-social sob condições dadas e encontradas na natureza a ser trabalhada, cuja técnica produtiva o homem desenvolve no ato da produção. Com efeito, atesta Vieira Pinto (2005, p. 194) que “[...] foram as condições objetivas do seu exercício que mudaram, e mudaram em virtude do esforço pelo qual os homens socialmente prosseguiram na produção da existência, criando novos produtos, cada vez mais complexos de conhecimentos verdadeiros sobre a realidade material [...].”

Na transformação do animal em homem, Vieira Pinto reconhece o trabalho em seu significado transformador, pois este altera o ser humanizado e transforma as condições de sua realidade, cujo ato de separação da barreira natural impôs ao homem uma qualidade que o diferencia dos demais animais. Aqui, o sujeito se faz homem pelo trabalho, cuja condição é a mediação com a natureza em seu processo de existência humana. Nela, ele faz as condições de seu desenvolvimento humano apropriando-se do mundo que ele tornou humano. Nestas condições históricas, ele produz sua existência e, da mesma forma, a existência da sociedade sob a qual vive. Com efeito, Vieira Pinto (1962, p. 9-10) argumenta:

[...] A forma de relação estabelecida pelo homem com a natureza é única, específica, privativa desse animal, e por isso o distingue radicalmente de todos os demais, inclusive daqueles que levam existência grupal: tal forma consiste no trabalho. Todo ser vivo depende da natureza exterior para obter as substâncias de que se nutre, encontrar o espaço onde se move, as condições de ambiente onde se aclima, se protege, e se reproduz. Por este aspecto o homem não faz exceção. Mas enquanto os demais seres animais utilizam para se nutrir ou satisfazer suas outras necessidades aquilo que encontram ao seu alcance, o homem atua sobre a natureza com o fim de produzir os elementos de que precisa para sustentar e desenvolver a existência. É exatamente esta atuação com o fim de produzir o que não está imediatamente dado, que configura a essência do trabalho. Por isso, só o homem é um ser vivo capaz de trabalhar. Os demais não têm essa capacidade. Deste modo, compreende-se por que motivo o trabalho se encontra na origem da essência humana do homem.

No ato de produzir a vida o homem faz história e a história é factual, é constituída de fatos que permitem ao homem fazer seu registro e formas de transmissão de sua cultura, pois adquire consciência do mundo e de sua racionalidade existencial, cuja base material de existência pode ser datada no devir da vida material e, com isso, refletir sobre o processo histórico de sua presença no mundo e as transformações de sua existência associada às transformações materiais do mundo de forma dialética, onde sujeito e natureza estão a ser transformadas no devir do homem pelo trabalho. Nela, Vieira Pinto (1973, p. 278) asseverou: "[...] *por el trabajo el hombre ejecuta la producción de su existencia. Sea en las formas rudimentarias de la economía primitiva, sea en las más avanzadas de la época actual, el trabajo es el ejercicio de la capacidad de transformación de la naturaleza para el fin de sustentar la vida.*" Nesta premissa, Vieira Pinto demonstra de forma singular, pois seu pensamento é dialético-materialista, cuja base se apresenta nas formas de refletir a existência do homem no mundo sensível e suas relações sociais na produção da vida material, que cria a cultura material e suas formas de reprodução social sob a consciência que adquire do passado e do presente conectado à presença da história que faz de si, o que permite refletir sobre o futuro em seu devir histórico. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 524) assegurou:

[...] Os fatos que eram apenas temporais tomam-se agora históricos, podem ser datados, o que significa receberem uma qualificação de origem consciente, pois supõe um ponto de referência, o presente, que somente existe para uma consciência que se percebe *presente* no mundo. Sendo datados, entram em linha de sucessão, o que permite pensar as transformações objetivas não em termos de simples transitividade, de passagem de um a outro, de sucessividade, mas segundo a categoria racional e dialética de *processo*.

Neste processo, o homem edifica formas de existência a serem reproduzidas pelo trabalho e educação, criando neste processo a cultura material, cuja centralidade é o próprio homem em seu fazer humano-histórico-social. Neste caráter há uma excepcionalidade, que é o caráter humano como produto do trabalho. Com efeito, Vieira Pinto (1962, p. 9) diz-nos que "[...] a forma de relação estabelecida pelo homem com a natureza é única, privativa desse animal, e por isso, o distingue radicalmente de todos os demais, inclusive daqueles que levam existência grupal: tal forma consiste no trabalho [...]." Nesta premissa, Vieira Pinto deixa explícita a relação homem e natureza mediada pelo trabalho, o qual distingue este dos demais animais pela capacidade excepcional adquirida pelo homem na produção da vida, que é realizada no ato do trabalho, que é criador e transformador do homem em seu processo hominizador/humanizador. No ato de produzir a vida em sua existência humana, o homem cria para si as ferramentas necessárias ao trabalho, sob as quais age por meio da manualidade, materializando objetos criados na mente. Nessa ação, se objetiva uma necessidade colocada pelo trabalho, aliviando, de certa forma, o fardo do trabalho na produção da vida.

Em relação a este aspecto, Vieira Pinto (2005, p. 90) afirmou que desde o princípio da "[...] hominização o animal antropeide transferiu para os instrumentos que começava a planejar, fabricar e utilizar as propriedades pertencentes naturalmente à sua estrutura, em particular o poder de transformar as condições da realidade de acordo com finalidades concebidas." Portanto, na objetivação da vida, a criação de ferramentas traz para o fazer humano o desenvolvimento de habilidades dotadas na forma de produzir bens de produção pela manualidade, cuja destreza do trabalho se faz presente na materialidade do produto que os liga a uma determinada necessidade do homem, pois o ato de produzir

ferramenta está associado a uma utilidade na vida e na sociedade, cuja base de existência material a evidência pelo valor de uso e a torna útil na produção de bens. No ato de produzir a vida material em sua base produtiva, “[...] os homens se encontram e são conduzidos a tecer um sistema de relação entre si, que constituem relações de tipo especial, as relações sociais” (Vieira Pinto, 1962, p. 10) e, com elas, os modos distintos de produção e de reprodução social.

Nesse processo, a essência do homem, assegura Vieira Pinto, é o trabalho, mas, fora das relações sociais engendradas na produção da vida material, “[...] o ‘homem’ tem existência apenas abstrata, não passa de ideia geral; o que de fato existe é sempre o homem concreto, ou seja, aquele que se acha envolvido por determinado sistema de relações produtivas, cuja realidade não depende da sua vontade [...]” (Vieira Pinto, 1962, p. 10-11).

Nessa perspectiva, Vieira Pinto afirma o primado de Marx, sob o qual os homens fazem sua história, mas não a fazem como querem, e sim, sempre em condições dadas e encontradas no mundo o qual ele nasce e age. Com efeito, Vieira Pinto (1960, p. 506) afirmou que “há, pois, uma relação dialética de ação recíproca entre os aspectos espirituais do desenvolvimento, representados pelas ideias e produtos da criação cultural, e os aspectos materiais em que se corporificam as transformações da realidade.” Neste aspecto, Vieira Pinto (1975, p. 8 – tradução nossa⁴) asseverou que “[...] o espírito do homem passa a conhecer o mundo objetivo na medida em que as hipóteses concebidas para explicar a realidade estão sendo testadas e, portanto, passam para a dignidade das teorias, que são a expressão da máxima inteligibilidade do mundo dos fenômenos sensíveis. Nesse mundo, objetivado pelo homem na sua luta pela vida, Vieira Pinto aprofunda seus estudos sobre as relações que o homem estabelece com a natureza de forma coletiva, pois a objetividade da vida social é um processo de adaptação da natureza aos interesses humanos que agem sobre ela de forma coletiva, agem como seres sociais na produção da vida de forma contínua.

Dessa forma, ele diz-nos que “o homem não adapta a si a natureza, não constrói o mundo em que vive e, por conseguinte, não produz as ideias de que se valerá para a produção subsequente, por seu esforço isolado, mas sempre numa ação coletiva, em união com um grupo de semelhantes [...]” (Vieira Pinto, 1969, p. 87). Mas no mundo social há uma base material e a superestrutura, que estão consolidadas sob a égide de um determinado modo de produção, cabendo aos homens sua inserção no mundo social, que é sempre um mundo coletivo construído por indivíduos na produção real da vida. Na produção da existência, portanto, o homem se defronta com uma base física sob o qual ele deve agir, que incorpora dois sentidos, a saber: “[...] a) *producción del hombre por el área natural que ocupa y aprovecha; b) producción de ésta por el hombre que la transforma segundo finalidades racionales, en el rumbo de intereses que determinan un nuevo tipo de proceso, superpuesto al natural, el único que se daría si estuviera ausente el ser humano [...]*” (Vieira Pinto, 1973, p. 304).

No espaço de produção, sob determinado modo de atividade produtiva, os indivíduos vivem e experienciam suas vidas materiais de forma concreta nas relações sociais de produção da existência correspondente ao seu tempo histórico, que engendra o mecanismo de dominação e controle social dominante, que a todos subordinam a uma vontade de classe (da classe dominante). Nela, as superestruturas agem para assegurar o domínio de classe subordinada aos seus interesses materiais, cuja historicidade é coetânea

ao modo de produção de existência humana, que traz uma dada característica de organização do trabalho e modos de produzir a vida condicionada ao modo de como os homens estão produzindo sua existência no tempo histórico.

Existe, portanto, uma consciência do sujeito que é capaz de datar sua história. Vieira Pinto pondera que o homem pode aprender a forma como se insere no mundo, qualificando suas formações humanas, representações e modos de produzir a existência de forma objetiva. A transformação histórica dessa realização é apreendida ao longo do tempo, na organização do trabalho historicamente objetivado. Esse movimento gera conhecimento e teoria no processo de investigação sobre a historicidade dos homens, que é histórico e determinado pelo próprio homem. Contudo, a datação da história é uma criação humana, que reflete seus interesses sociais na forma de registrar a história e, assim, a própria existência humana no tempo. Como resultado desta etapa de estudo, Vieira Pinto (1960, p. 61) argumentou:

[...] o trabalho é a via de acesso à realidade. Por ele o mundo se abre à consciência, e isso tanto mais perfeitamente quanto opera sobre partes cada vez mais amplas do real. De fato, não há outro modo de captar o real senão introduzir-se na sua mobilidade, esposando-lhe a dinâmica; o meio único de realizar a união do homem com o mundo é a ação [...].

Nesta perspectiva, Vieira Pinto apontou para a consciência que lê o mundo pela realidade, que é dada pelo trabalho, sob o qual o homem produz sua existência e age no mundo captando as relações de produção em seu caráter real e objetivado no devir histórico do homem. Portanto, nele se move, coloca em ação sua força produtiva e a compreende na forma trabalho existente, pois “[...] as leis do mundo não são as leis da consciência, quem a elas obedece são os próprios fenômenos, não o pensamento, que apenas as descobre e representa [...]” (Vieira Pinto, 1960b, p. 16).

Do ponto de vista teórico destaca-se a ciência, na qual o homem é sujeito e objeto na relação que é estabelecida no mundo real. Nela, a produção da vida é determinante para o desenvolvimento da aprendizagem e leitura do mundo e, portanto, para assim conhecer o processo de existência humana e dos fenômenos que se apresentam ao homem para poder agir sobre eles. Sobre este processo, o homem adapta e se adapta ao mundo que encontra para si e, sobre ele, modifica a estrutura material de forma contínua. Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1973, p. 243) afirmou que “[...] *la producción de los medios de subsistencia por los hombres afecta decisivamente el curso de su vida y todos los fenómenos por éste condicionados.* [...]” Ao produzir a vida, portanto, o homem produz sua essência humana, produz conhecimento sobre suas ações e as transforma em ato de ensino. Na produção da ciência há uma ação do sujeito e, de certa forma, uma intencionalidade de reprodução da vida individual-social, na qual ele age para um todo. Neste aspecto, a ciência é a expressão do desenvolvimento da vida social, sob o qual o indivíduo age em condições dadas e encontradas no meio natural a ser transformado, criando ciência e conhecimento sobre o ato transformado. Não é sem razão que Vieira Pinto (1973, p. 250) diz-nos:

[...] Toda ciencia es creada por alguien, que pertenece a tal cultura y a tal momento de la historia de una comunidad con tal estructura, que le impone, por su inserción en ella, tales o cuales condicionamientos. De este modo, lo que incumbe al hombre de ciencia no es cerrar los ojos a esta realidad, o negarla; es, simplemente, utilizarla para expresar el punto de vista que conscientemente le parezca que sirve mejor a los intereses de su sociedad. [...].

Nessa relação, o homem é um homem de ciência, que é a base sob a qual se produz as formas do pensamento. Com efeito, Vieira Pinto (1969, p. 83, et. seq.) constata que “a ciência é a forma de resposta adaptativa de que somente o homem se revela capaz, por ser o animal que vence as resistências do meio mediante o conhecimento dos fenômenos, ou seja, mediante a produção da sua existência – a individual e a da espécie.” Neste ato, ele “adapta-se ao mundo porque o adapta a si, ao descobrir as razões lógicas das coisas e dos acontecimentos, e ao modificá-las de tal maneira que sirvam ao propósito de assegurar sua subsistência” de forma individual, mas produz também a vida social, do qual ele é parte integrante.

Na produção da vida, diz-nos Vieira Pinto que o homem resolve uma contradição existencial e o faz por meio de técnicas produtivas criadas na resolução da contradição que a vida do homem engendra em sua luta pela vida. Nela, Vieira Pinto (1973, p. 278) sustenta que “[...] *por el trabajo el hombre ejecuta la producción de su existencia. Sea en las formas rudimentarias de la economía primitiva, sea en las más avanzadas de la época actual, el trabajo es el ejercicio de la capacidad de transformación de la naturaleza para el fin de sustentar la vida.*” Portanto, “[...] sendo este obrigado a produzir para viver, tem de conceber os métodos eficazes para tanto aproveitar as propriedades dos corpos para transformá-los em máquinas a serviço desse fim [...].” (Vieira Pinto, 2005, p. 195). Aqui reside o fato da existência humana, que é fruto do trabalho na resolução da contradição fundamental que coloca o homem na natureza exteriorizada pela consciência de ente criador. Nela, o ser do homem engendra formas de produção da vida, o que ele o faz por meio de criações tecnológicas desde a aurora da humanização, conforme constatou Vieira Pinto, pois esta acompanha o homem em sua historicidade, cuja existência no mundo ele é obrigado a produzir para produzir-se a si mesmo.

Desde o princípio da humanidade, quando o homem rompeu a barreira natural e se viu obrigado a lutar pela sobrevivência, ele o faz por meio do trabalho. O trabalho o torna criador de si mesmo e do mundo ao seu redor, tornando-o consciente da existência do mundo e da própria natureza da qual ele emerge como ser humano. Ele cria técnicas e tecnologias necessárias à produção de bens, e uma vez que a barreira natural é rompida, não há mais retorno. Por isso, na luta pela vida, é necessário criar as condições para sua existência humana, produzindo bens materiais úteis à sua vida. Isso o obriga a desenvolver instrumentos de trabalho para intervir no meio natural e extrair o necessário para sua sobrevivência e a do grupo social ao qual pertence.

Na atividade técnica-produtiva, o homem é um ser que se reproduz e o faz pelo trabalho consciente e necessário à vida, o que de fato produz sua existência humana-social, mas também histórica, pois a produção da existência, se referindo ao homem, Vieira Pinto (1973, p. 269) destacou que ele é um “[...] *ser que se reproduce a sí mismo en el curso de un proceso más general, aquel mediante el cual produce o sustenta su existencia. Ahora lo que deseamos acentuar es que esa producción de si por si se reviste siempre de un doble carácter: es social e histórica [...].*” Aqui reside a essência do homem, cuja base construída pelo trabalho, no ato de produção da vida, ao produzir os bens necessários à vida, ele produz seu modo de produção e sua sociabilidade no tempo de sua existência, portanto, o homem se torna social e sua vida social é histórica, cuja base reside na forma trabalho criada no devir do homem.

Deveras, na luta pela vida, o homem se torna construtor dos atos de comer, beber, vestir-se, abrigar e amar tornados humanos e isso ele o faz pelo trabalho, que é ato singular no reino animal. Vieira Pinto se debruçou em reflexões sobre o trabalho como ato humanizante do homem em seu devir histórico.

Educação, existência humana e formação humana-social

[...] A educação é histórica não porque se executa no tempo, mas porque é um processo de formação do homem para o novo da cultura, do trabalho, de sua autoconsciência. A educação como acontecimento humano é histórica não somente porque cada homem é educado em um determinado momento do tempo histórico geral - aquele em que lhe cabe viver (historicidade extrínseca) — mas porque o processo de sua educação, compreendido como o desenvolvimento de sua existência, é sua própria história pessoal (historicidade intrínseca). (Vieira Pinto, 1993, p. 21).

Na vida singular do homem, sua natureza humana é produto do trabalho que engendra formas peculiares de trabalho e de educação no processo de reprodução material dos homens, cuja materialidade produz a existência humana. Nesta singularidade, a educação é um processo formal que adapta o homem ao mundo social por ele criado, pois há uma intencionalidade na formação humana, a qual Vieira Pinto soube entender. Nela, reside a reprodução social sob o ideal de homem a ser formado no devir histórico dos modos de produção.

Nesse processo, há uma determinação histórica na qual o homem é objeto de formação para atender a superestrutura da sociedade, cuja base ideológica está presente. Há, neste princípio um projeto de classe e de atuação de classe para formar o homem sob as diretrizes da classe dominante em qualquer formação social. Neste processo histórico, Vieira Pinto (1993, p. 43) diz-nos que “o conteúdo da educação — tal como a forma —, tem caráter eminentemente social e, portanto, histórico. E definido para cada fase e para cada situação da evolução de uma comunidade.” O qual “deve atender primordialmente aos interesses da sociedade. Se esta é democrática, os interesses dominantes têm que ser os do povo, e se considerarmos um país em esforço de crescimento, tem que ser o de suas populações que anseiam por modificar sua existência.”

Nessa perspectiva, Vieira Pinto assevera que a sociedade fornece aos homens as formas e os conteúdos do pensamento no processo de formação escolar, no qual a educação cumpre com o papel histórico e intencional de formar o homem dentro da lógica da dominação de classe. Por isso, Vieira Pinto (1993, p. 34-35) apontou que “[...] a educação é histórica não porque se executa no tempo, mas porque é um processo de formação do homem para o novo da cultura, do trabalho, de sua autoconsciência.” Neste processo, Vieira Pinto (1960a, p. 118) diz-nos:

A educação não precede o processo de desenvolvimento, acompanha-o contemporaneamente. Entre ambos existe uma tensão dialética que os condiciona mutuamente. Com efeito, cada etapa da realidade contém no seu dinamismo tarefas a executar, a fim de que se transforme na etapa seguinte; são propostas, são desafios à ação humana, que é solicitada por eles a efetivar-se. Mas são ações complexas a executar. [...].

A educação é um projeto de classe que se materializa na formação do homem. Em sua essencialidade, a educação é o elo conservador da vida social, cujo movimento dialético e dinâmica da vida social ela o acompanha, mas nunca se coloca como revolucionária, apesar de alguns homens se colocarem como revolucionários.

Com efeito, Vieira Pinto (1993, p. 35) argumenta que:

A educação é necessariamente intencional. Não se pode pretender formar um homem sem um prévio conceito ideal de homem. Este modelo, contudo, é um dado de consciência e, portanto, pertence à consciência de alguém; concretamente, de alguém que está num dado tempo, num espaço, em definida posição social. De acordo com a natureza (posição, interesse, fins) da consciência que comanda o processo educacional, tal será o tipo social de educação. Nas formas elementares de consciência (sociedades aristocráticas ou oligárquicas) o grupo dominante acredita que cabe a ele ditar a seu gosto o processo educativo, porque acredita também que o educando é um ser que não possui ainda consciência e por isso necessita recebê-la pela educação. Nas formas superiores de consciência (autoconsciência) o legislador, assim como o educador, sabe que se enfrenta com uma outra consciência e que seu papel consiste em trazê-la ao conhecimento dos interesses gerais da sociedade mediante um permanente diálogo entre consciências. Na forma elementar, ingênua, a educação é considerada como o procedimento de transformação do não-homem em homem. Na forma superior, crítica, a educação se concebe como um diálogo entre dois homens, na verdade entre dois educadores. Daí que a educação seja uma forma particular de responsabilidade da ação entre os homens.

No mundo social estão presentes as relações sociais do trabalho, base para a compreensão do processo de educação que, condicionada pela superestrutura, emerge da base produtiva. Nela, a sociedade se forma e molda o pensamento e os processos de cognição sobre o mundo estabelecido, cuja classe dominante atua para formar o indivíduo à sua imagem e semelhança, o que implica formar o indivíduo sobre as bases de trabalho existentes na sociedade, condicionando a aprendizagem aos interesses sociais dominantes no âmbito social, cuja natureza é a reprodução da forma social, pois a educação é conservadora em seus princípios fundantes.

No processo de educação, a sociedade seleciona quem deve obter os conhecimentos que os homens acumularam no seu devir histórico. Em qualquer formação social, a educação é o elo de reprodução social, mas essa reprodução é de classe, o que implica em educação na desigualdade. Uns devem receber o ensino que os adapte ao trabalho e outros devem receber o ensino que os adaptem ao mando político e à gestão da propriedade. Nelas, cada segmento social recebe os processos educacionais correspondentes à sua condição de classe social, pois a seleção de conteúdos a serem transmitidas e ensinadas é um processo que assegura à classe dominante o poder de domínio sobre a sociedade, da qual ela objetiva e a desenvolve sobre os pilares determinados pelo modo de produção constituído historicamente. Nela, assegura Vieira Pinto, o homem vive, cria as técnicas necessárias à produção de sua existência, cuja contradição social encontrada na natureza ele a resolve por meio da técnica produtiva, mas ele, um ser hominizado, vive necessariamente da natureza. Sob este ponto de vista, Vieira Pinto (2005, p. 37) diz-nos:

O homem é um ser destinado a viver necessariamente na natureza. Apenas, o que se entende por 'natureza' em cada fase histórica corresponde a uma realidade diferente. Se no início era o mundo espontaneamente constituído, agora que o civilizado consegue cercar-se de produtos fabricados pela arte e pela ciência, serão estes que formarão para ele a nova 'natureza'.

Em relação ao aspecto da produção de bens, Vieira Pinto é taxativo: ela traz um dado de formação de uma nova natureza, a transformada pelo ato técnico do homem na

produção de sua existência. Mas este ato está associado à educação, cuja base social impõe aos homens valores ético-morais no relacionamento estabelecido entre eles no percurso de sua forma de existência social correspondente ao modo de produzir a vida e, com ela, uma determinada forma de educação e de formação humana coetânea à existência humana, pois “[...] *es que en el hombre la reproducción de la existencia transcurre como acontecimiento particular que tiene lugar en el seno de otro, más general, la producción de la existencia. Actividad que determina la conexión de los aspectos sociales, económicos y político [...].*” (Vieira Pinto, 1973, p. 254).

Nesse quesito, Vieira Pinto reafirma a premissa da educação como ente social formador do homem, na qual age intensamente no sentido de alterar o ser do homem. Ela é o ajustamento do homem à sociedade cuja base traz um ato intencional, pois dela se espera uma mudança da condição humana sob a qual o indivíduo é instruído para a vida social. Com efeito, a educação social é um dos elementos constitutivos da existência humana, sob o qual ele aprende a viver e a se mover na vida social. Isso implica a determinação objetiva da vida, sob a qual ele terá que agir como ser consciente no mundo natural que ele transforma em mundo social existente. No agir, ele traz uma determinação histórica sob uma base educacional, que, na produção existencial, possui uma finalidade dialética que, em essência, o coloca em movimento, transformando-o em sua substância humana. Nessa perspectiva, Vieira Pinto afirmou o princípio da dialética expressa na finalidade da educação, conforme escreveu:

A finalidade da educação não se limita à comunicação do saber formal, científico, técnico, artístico etc. Esta comunicação é indispensável, está claro, porém o que se intenta por meio dela é a *mudança da condição humana* do indivíduo que adquire o saber. Por isso, a educação é substantiva, *altera o ser do homem [...].* (Vieira Pinto, 1993, p. 49).

Nessa relação dialética, onde a natureza impõe ao homem a contradição que o obriga a transformar em atos educacionais o sentido da luta pela existência que é coletiva, por isso, o ato produtivo se torna cultura do trabalho, ciência e conhecimento técnico, no qual o homem é um ser que investiga a natureza para criar os meios técnicos necessários à produção de bens. Nesse ato, o homem cria a cultura que o permite se afirmar no tempo existencial de sua produção humana-social.

Ao produzir a técnica, o homem produz uma forma de cultura que a torna coletiva, portanto, objeto de socialização por meio da educação. Aqui, o isebiano reafirmou o primado dialético da cultura, posto que é um ato constitutivo do ser homem engendrada na sociedade da qual o indivíduo nasce e age na produção da existência material. Neste pressuposto, viver traz uma dimensão histórica sob a qual se cria as técnicas necessárias à produção de bens e, com ela, uma cultura, sempre determinada pelas condições históricas de existência do grupo social em luta pela vida. Nessa dimensão, os atos de comer, beber, vestir-se, se abrigar e amar trazem também as marcas do tempo da existência do homem em sua evolução histórica de humanização, cuja essência é determinada pelo trabalho, que são coetâneas à existência humana.

No ato de produzir a existência humana traz o destaque da técnica criada pelo homem, cujo instrumento criado cria também uma necessidade instrumental na vida do homem, que é a socialização do instrumento criado e, com ela, uma determinada forma de transmitir a cultura da produção por meio da educação, que é singular em seu processo de formação humana. Nesse aspecto, a técnica cria a cultura que, por fim, cria a forma e o

método de formação humana sob os aspectos históricos da presença técnica criada no processo evolutivo do homem. Com efeito, Vieira Pinto (1993, p. 40) diz-nos:

[...] Mas essa transmissão da cultura pela educação, justamente porque supõe a mediação (dialética) da sociedade, na realidade, pelo trabalho concreto dos homens, não é mecânica, e por isso o saber não se comunica inalterado de um indivíduo ao outro. Ao contrário, na passagem de um ao outro, altera-se, torna-se maior pela contribuição da criação intelectual do educador, recebida pela sociedade e considerada por ela como um acréscimo indispensável para ser comunicado ao educando.

Nessas premissas, Vieira Pinto demonstra o caráter dialético realizado pelo homem. Ao produzir sua existência pelo trabalho ele também produz uma cultura, cuja presença no meio social se faz necessária e ele o faz por meio da educação, que tem uma ascendência sobre o indivíduo. Nesse processo, a cultura é transmitida como elo entre ciência e sociedade sob a qual o indivíduo nasce e produz a vida e, neste ato produtivo, também produz a forma social de sua existência, cuja vida social o acolhe como homem do trabalho, que a sociedade necessita para sua reprodução social. Portanto, ao produzir sua existência o homem reproduz também a sociedade em que vive, mas ele não o faz sozinho. Ele sempre o faz em conjunto com outros homens, que produzem os bens necessários de que a sociedade necessita. Nesse aspecto, ao nascer o homem é enquadrado à vida social sob a qual ele deverá agir sobre a natureza na resolução de uma contradição posta à vida social, na qual o indivíduo age para produzir a existência humana-social.

Em relação a esse processo, Vieira Pinto (1973, p. 240-241) diz-nos:

La acentuación del papel de la conciencia es indispensable para alcanzar el tercer puesto a que nos referimos, cuando dijimos que el hombre es un ser que produce su existencia. Nuevamente volvemos aquí al tema de la relación dialéctica entre reproducir y producir. Como animal, y en el simple plano biológico, el hombre sólo se reproduce; pero como el ente engendrado va a participar de una colectividad donde el mantenimiento de la vida está condicionado por un sistema de relaciones entre los miembros de la población, que produce lo necesario para tal subsistencia, la reproducción se vuelve un fenómeno que trasciende el plano biológico y se carga de un sentido teleológico: el nuevo individuo es engendrado para una sociedad que lo espera, que necesita de él para el cumplimiento de tareas productivas, entre las cuales se cuenta la creación de nuevos seres humanos, y que lo aguarda con un sistema de relaciones ya listas, en que deberá encuadrarse.

Aqui reside a premissa sob o qual o homem é educado para atender as necessidades da comunidade em que nasce e é educado por meio da cultura criada no trabalho, que é transmitida pela educação, elemento criado pela superestrutura da vida social que imprime as características presentes no modo de produzir a vida material sob as condições dadas e encontradas no nascimento do homem para a vida social, que o acolhe como ente necessário à produção da própria comunidade. Em condições determinadas pela natureza, o homem cria as técnicas necessárias à produção de bens da cultura e, ato contínuo, se transforma em ciência e modos de cultura da existência humana.

Ciência e cultura na existência humana

[...] Para cada etapa del proceso cultural existen simultáneamente, con carácter objetivo, una ley de reproducción de la especie y una vía de desarrollo material y cultural. Entre ley y vía se establece una conexión recíproca, que se presenta en la forma de contradicción, en la cual el factor desarrollo constituye el polo principal. [...]. Lo que corresponde al polo principal es

evidentemente el dato material, el estado de desarrollo, por cuanto es éste el que, a través de la estructura del proceso social dentro del cual se desenvuelve y por los reflejos políticos que acarrea, asume el papel de variable relativamente independiente. (Vieira Pinto, 1973, p. 288-289).

No ato de produzir a vida o homem produz a si mesmo, revoluciona os instrumentos de produção e o faz sob determinada técnica presente no ato de produzir bens necessários à vida. Nela também o homem produz a vida social, cuja base material está presente na natureza a ser transformada. Há, portanto, um instrumento humano criado pela cultura do trabalho no ato de produção da vida, na qual a existência humana reproduz no tempo existencial a cultura como fenômeno social. No processo da existência, a cultura é um produto do trabalho, cuja base técnica se move dialética no devir do homem na história, o que Vieira Pinto demonstra em seus estudos. Por ser produto da ciência e a ciência não ser estática, se move e com ela se criam técnicas que asseguram a produção da vida sob nova ciência, a cultura, como elemento de criação do homem, é contemporânea à existência humana presente no processo de hominização. Portanto, Vieira Pinto (1969, p. 122) observa:

A cultura é, por conseguinte, coetânea do processo de hominização, não tem data de nascimento definida nem forma distintiva inicial. A criação da cultura e a criação do homem são na verdade duas faces de um só e mesmo processo, que passa de principalmente orgânico na primeira fase a principalmente social na segunda, sem, contudo, em qualquer momento deixarem de estar presentes os dois aspectos e de se condicionarem reciprocamente. [...].

No processo da existência da vida, diz Vieira Pinto, a cultura acompanha o desenvolvimento do homem no curso da vida de sua formação social, a qual corresponde uma determinada forma de cultura que as condições reais de produção da vida criaram, o que implica o processo de existência do homem coetâneo à cultura que ele desenvolve na produção de bens. Com efeito, Vieira Pinto (2005, p. 188, et. seq.) asseverou que “a cultura, cuja primeira manifestação consiste na fabricação intencional de instrumento para o exercício da produção de bens alimentares, e outros, necessários à vida da espécie emergente, é coetânea do surgimento do homem”, pois essa “pertence ao processo da antropogênese e nele se integra, juntamente com o aparecimento do pensamento e da concomitante linguagem articulada, meio de comunicação entre os novos seres”, processo este que afirma que a “cultura, tal como o pensamento e o falar, não tem data inicial assinalável, porque se originam enquanto sinais da formação, em curso, do homem.” Nesse processo, “[...] a cultura não procede a formação do homem nem sucede a ela, porque só existe e se expande ao longo dessa mesma formação, da qual é, e sempre foi, coetânea [...]” (Vieira Pinto, 2005, p. 189).

Pode-se compreender melhor a posição de Vieira Pinto sobre a materialidade da cultura no processo de produção da vida, pois esta permite o desenvolvimento da ciência e, com ela, as ideias que se configuram no porvir da cultura. Nela:

[...] A cultura de cada momento representa a mediação histórica que possibilita a aquisição de outros dados culturais, que condiciona a expansão do conhecimento, sendo possível dizer-se que a cultura, enquanto ideia, imagem, valores, conceitos e teorias científicas, se cria a si mesma por intermédio das operações práticas de descoberta das propriedades dos corpos e da produção econômica dos bens necessários à vida social. A ação do homem, sendo a mediação entre duas ideias, outorga à primeira a qualidade de servir de fundamento para a finalidade da criação da segunda. (Vieira Pinto, 1969, p. 137).

Em relação a este aspecto, Vieira Pinto é categórico ao sustentar a tese sob a qual a cultura é coetânea à produção da vida, cuja base objetiva é a natureza a ser transformada pelo homem por meio de instrumentos de trabalho criados pela técnica produtiva que os desenvolve para este fim. Nele, atesta Vieira Pinto (2005, p. 194) que “o processo produtivo, à medida que, pela práxis social, enriquece o mundo humano de bens e de máquinas fabricadoras, vai determinando simultaneamente a aplicação do conhecimento adquirido e a possibilidade da descoberta de novos conhecimentos [...]” Por isso, ele cria a cultura da produção, desenvolve a ciência e os conhecimentos necessários para fins da produção de bens úteis à vida do homem em vida social. Desta forma, Vieira Pinto (2005, p. 188) asseverou:

Os bens da cultura, as técnicas produtivas, que logo, em vista do concomitante desenvolvimento do pensamento, se diversificarão nas atividades culturais, tanto de caráter ideal quanto de ordem material, a arte, a invenção dos conceitos, a descoberta das propriedades dos corpos e fenômenos da natureza, a fabricação de objetos úteis e o conhecimento das relações sociais de que participa, tudo isso será o traço distintivo da realidade humana. Sempre com base nas exigências da produção econômica, em regime social, a cultura amplia-se e vem estabelecer o sistema de ideias e criações materiais que serão então propriamente reverenciadas como cultura.

Com efeito, a produção econômica da vida existencial do homem na sociedade do qual ele participa como indivíduo determina a forma e o modo de produzir bens, o que implica uma determinada forma de produção e de vida material condicionada pela relação com o trabalho. Por isso, diz-nos Vieira Pinto (1994, p. 40) “que entendemos por cultura o conjunto dos bens materiais e espirituais criados pelos homens ao longo do processo pelo qual, mediante o trabalho, exploram a natureza e entram em relações uns com os outros, com o fim de garantir a satisfação de suas necessidades vitais”, pois:

[...] A lo largo de las edades, la humanidad ha pasado por diferentes etapas de organización social, configurando cada una, una formación histórica definida por caracteres objetivos y culturales ligados al modo de organizarse los hombres entre sí para trabajar sobre la naturaleza circundante y sacar de ella los medios de subsistencia. [...]. (Vieira Pinto, 1973, p. 270).

No longo devir do homem, ele é um ser que produz cultura e a produz com o elo no mundo material e no mundo espiritual, sob bases do trabalho encontradas na realidade social da existência humana de forma dialética, que está presente na produção da vida no tempo e espaço de sua existência. Na produção, ele também produz o espaço que habita e, neste ato, com seus esforços físicos e mentais, exerce uma ação sobre a natureza, na qual modifica a estrutura natural ajustando-a para si, constituindo e criando, neste ato, uma determinada cultura.

Reconhece-se neste processo que a cultura é filha da técnica criada pelo homem, cuja necessidade histórica de dar respostas à resolução da contradição engendrada na natureza, o homem, na luta pela vida, coloca todos os esforços que a sociedade tem a seu dispor para satisfazê-los e isso ele faz com as técnicas disponíveis, criando técnicas para atender as necessidades criadas no devir da produção da vida. Neste aspecto, a sociedade se move em contradição e, com ela, a cultura do novo se faz presente, na qual atende a produção da existência no momento presente à criação da técnica, que se encontra em um determinado tempo e espaço, constituindo-se em um elemento histórico, um dado da cultura produzida pelo homem no devir do trabalho. Aqui reside a premissa sob a qual Vieira Pinto chamou de cultura.

Em relação e este processo, Vieira Pinto (1973, p. 304) refletiu que:

Al contrario del proceso natural, el histórico es producido por el hombre como respuesta a la exigencia de la necesidad de sobrevivir, mediante la interferencia de la razón y del arte sobre el curso de las transformaciones meramente físicas que acontecen en el medio exterior. El hombre se vuelve productor del proceso histórico, lo que significa productor del espacio que habita, así como del tiempo en que perdura. Los esfuerzos que ejerce sobre la realidad constituyen lo que, en sentido más amplio, se llama cultura. En esta acepción, el proceso histórico se confunde con el cultural, aunque conceptualmente sean cosas distintas.

A base da produção da cultura é o trabalho realizado pelo humano, cuja base de ação territorial, com suas singularidades naturais, as quais o homem a investiga, cria a técnica necessária para intervir na natureza e, por seus esforços, cria os bens de produção utilizando dos bens naturais que estão ao seu alcance. O nascimento da cultura não é dado ao homem. Ela é criada pelo sujeito que faz a história sob condições dadas e encontradas no meio natural, cujas características revestem os bens produzidos e as técnicas a serem empregadas na resolução da contradição com a natureza para a produção da existência.

Para o estudo do homem, se faz necessário apreender a realidade em múltiplas dimensões, posto que é um ser em construção. Nesta perspectiva, Vieira Pinto (1973) afirmou que os principais aspectos formais para o estudo são o biológico, o social, o econômico, o político e sua própria existência e isto reside na sua historicidade enquanto ser concreto, real e material. Isto implica considerar a existência humana segundo a compreensão histórica, pois a historicidade não é um atributo extrínseco deste ser, mas sim um traço constitutivo de sua essência, que, como tal, está presente em todas as considerações que se relacionam com ele. Na produção da cultura há, portanto, uma singularidade humano-social, cuja base emana das relações criadas na produção da vida, que são determinadas pelas condições de existência em todas as dimensões humanas. Neste processo, o homem cria seu espaço de habitação de forma singular e este fato é um dado da cultura por ele criado. Neste fazer-se cultural reside nas condições encontradas no meio natural e ser transformado para a vida social, cujo ato pensado se materializa em espaço habitacional.

Sobre este processo, Vieira Pinto (1973, p. 304-305) afiançou:

[...] El hombre debe ser concebido como productor del área que habita, y esa producción es un dato cultural. No podría ser realizada sino mediante instrumentos que tienen que ser intencionalmente concebidos para los fines a que se destinan, lo que denota su origen a humana, en un proyecto de acción que sólo puede existir en el pensamiento. [...].

Por isso, Vieira Pinto (1960a, p. 81) observou:

[...] o conhecimento se funda na experiência exterior, provém dela, do mundo que 'aí está' como 'existente bruto', e que, acreditam aquelas escolas, conhecemos no ato de apreendê-lo ou de retirar dele as nossas representações. Falta-lhes, porém, a compreensão de que esse mundo é sempre um país, com determinada conformação social, numa etapa do desenvolvimento da sua cultura e dos seus recursos econômicos, em certo momento da história.

A afirmação de Vieira Pinto traz a historicidade como elemento da reflexão à existência do território sob o qual habitam os homens. Sob a população e a cultura que se desenvolve com as técnicas de trabalho empregadas no ato da produção, que produz o conhecimento sobre eles.

Em relação ao processo histórico de construção do espaço social de habitação e do território tem uma dimensão de sociabilidade, que se relaciona com o ambiente

encontrado e nas formas de adaptação à vida do homem, o que determina um tipo de ideias, valores, hábitos alimentares e habitacionais, crenças religiosas, estilo de vida e de preparo para as guerras etc. Neste aspecto, Vieira Pinto assinalou toda a dimensão histórica-social do homem na construção do espaço social e de território para a produção de bens que o permite sua reprodução humana e produção da sociedade nas condições reais de sua existência, com as técnicas desenvolvidas para resolver as contradições que a natureza lhe impõe de forma contínua, o que tornou o homem em um ser em construção, um ser que necessita produzir sua vida individual para produzir sua vida social, coletiva, sob a qual o homem cria a ciência, cultura e educação para reprodução social. Neste aspecto, Vieira Pinto (1973, p. 344) afirmou:

[...] El hombre sólo existe como ser en situación, en el espacio y en el tiempo. Estos, sin embargo, según hemos señalado repetidamente, no constituyen recipientes pasivos, estáticos, indiferentes, en los cuales el hombre simplemente se aloja. La esencia del hombre se crea como proceso de formación de relaciones sociales entre individuos que se tocan en el espacio y coexisten en el tiempo, en el esfuerzo común por conservarse vivos, mediante la creación de los recursos que el mundo exterior les ofrece. La relación del hombre con el mundo no es una categoría filosófica abstracta, por la cual se interpreta la realidad del ser humano, sino una trama concreta de acciones materiales del hombre sobre la naturaleza física, posibilitada por la congregación social de esfuerzos, de modo que la capacidad de transformación del mundo, en que precisamente el trabajo consiste, se torna la función definidora del ser del hombre. Ahora bien, tal transformación está vinculada al tipo del ambiente en que el hombre se encuentra situado. Y de ahí resulta que, por el trabajo, o sea, por las formas de apropiación de los recursos del mundo exterior, el hombre va configurando el tipo de existencia en que transcurrirá su vida. Se forma un estilo de vida, que no es sólo un conjunto de ideas, valores, hábitos, creencias, confección de objetos, producción de bienes vitales y suntuarios, y demás aspectos ideológicos, económicos y culturales, sino que representa en cada caso una modalidad de realización del ser del hombre, que tiene en estas exteriorizaciones subjetivas y objetivas su expresión perceptible.

O fato histórico aqui presente é que o homem produz não só sua individualidade, como sujeito histórico, mas reproduz a forma social em que nasce, vive e morre. É nela que ele cria a técnica, pois esta lhe dá a forma e os conteúdos do pensamento, e o ensina a viver em um meio cultural que seu trabalho criou. Nela, ele cria a tecnologia necessária à produção de bens de forma coetânea à sua existência, que é dialética e impõe perene a contradição que a ele compete resolver para continuar sua existência, que está presente no seu longo devir humano.

Técnica e tecnologia na produção da existência humana

Cada individuo encontra o mundo povoado pelos objetos que a época na qual nasceu pode produzir, na fase em que se acha o processo econômico e cultural da sua comunidade. A revelação do mundo, pelo manual das coisas, se faz, portanto, trazendo sempre o caráter histórico da manufatura e se refere às forças de produção, às relações de produção e ao grau de avanço intelectual existentes. (Vieira Pinto, 1960 [I], p.71)

Nas formações humanas, em qualquer época ou espaço territorial e geográfico, há aquilo que chamamos de mundo natural, sobre o qual os homens produzem sua vida material e as produzem em condições dadas e encontradas no mundo real. Nelas, há um fator essencial na produção da existência, que é a criação da técnica produtiva e, com ela, da ciência da produção, cujo processo se faz presente no devir do homem. Ao produzir a vida, o homem produz a sociedade e o faz por meio da técnica que ele mesmo criou para

enfrentar uma contradição com a natureza. O isebiano observa que não há nenhuma mágica no ato de produzir a existência humana, o que há é a realidade objetiva na qual o animal tornado humano precisa intervir para produzir sua existência e o faz em relação à contradição existente, cuja base técnica para a produção dos bens necessários à vida do homem ele já as criou e, nas condições encontradas, ele age tecnicamente com os instrumentais desenvolvidos para tal fim, sob o qual a estrutura da sociedade se move, impulsionando a superestrutura que move a educação e os elementos da ideia formada na objetivação da produção da existência. A “[...] técnica está incluída na história real [...], porque o pensamento é um produto história, enquanto função biológica natural do animal humano, desenvolvendo-se culturalmente no tempo social [...]” (Vieira Pinto, 2005, p. 400).

Em relação a isso, Vieira Pinto (2005[1]) assevera que a técnica é imanente ao homem e, no processo da formação humana, em seu processo de existência transforma a natureza por meio da técnica, no homem que transforma a natureza. Também há uma transformação do homem animal em homem racionalizado, pois há uma razão técnica na produção da existência, que é a própria reprodução do homem e da sociedade na qual nasce, vive e morre. Nesse processo, Vieira Pinto (1973, p. 241) traz a seguinte exposição:

La intervención de la conciencia en el proceso productivo tiene una característica y una finalidad: la de tornarlo cada vez más racional. [...] En el esfuerzo por producir su existencia, el hombre empieza por producir la de la sociedad en que tiene que vivir. Pero no lo hace aislado, ni caprichosamente, sino en cooperación con esa misma sociedad y en función de los recursos culturales que ésta pone a su alcance, dentro de la dinámica de la fase histórica en que se encuentra, la cual, a su vez se somete a las leyes universales del proceso total a que pertenece.

Ao produzirem sua vida material também criam suas relações sociais de trabalho na base social sob a qual criam formas de regramento da vida, que submete a sociedade ao imperativo do controle da vida social. Nesta acepção, Vieira Pinto (2005, p. 254) diz-nos: “[...] viver no mundo da técnica enuncia a normal definição da condição humana, porque expressa aquilo que a distingue da animal [...]”, pois o homem, por sua consciência desenvolvida na luta pela vida cria os instrumentos necessários à intervenção na natureza mediada pela técnica na produção de bens. Ao criar os instrumentos ele cria a tecnologia, que é uma extensão para a realização de seus atos. Nestes, a intencionalidade, rompida a barreira natural, é a busca do domínio do meio natural, ajustando-o para si. Em cada momento histórico de sua existência, o homem, enquanto ser técnico, desenvolve as tecnologias necessárias para a resolução da contradição existencial interposta pela natureza.

No ato de produzir nasce a técnica, que é coetânea à existência humana. Nasce uma forma de produzir sob condições dadas e encontradas no mundo natural, sob o qual o indivíduo terá que agir para atender suas necessidades físicas-biológicas. E o que é técnica? Para responder à pergunta, trago Vieira Pinto (2005, p. 206):

[...] A técnica, nada mais sendo do que a própria ação do homem, utilizando, nas formas históricas relativamente avançadas, instrumentos e métodos racionalizados, para corporificarem a indispensável mediação entre o agente e a finalidade, consiste no modo específico da capacidade reflexiva do animal humano de resolver as contradições com que se depara na relação com o mundo natural.

No mundo do trabalho, a técnica se destaca, pois sua materialidade exige regularidade e ações metódicas para sua realização. Esses aspectos históricos estão relacionados às forças produtivas, desenvolvidas através da ciência e das invenções na produção de

máquinas. A essência dessas máquinas é aliviar o trabalho humano e produzir utensílios para a vida social em larga escala. A sociedade possui um metabolismo que demanda processos de produção contínuos para sua reprodução e desenvolvimento social, nunca ficando em letargia. Seu processo é dinâmico e dialético, refletindo a própria existência. Para esse fim, o instrumento criado pelo homem, como extensão de sua capacidade produtiva, é a tecnologia, sobre a qual Vieira Pinto (2005, p. 209) afirmou: “[...] a tecnologia será sempre uma mediação, representa a ação inventada pelo homem, e logo a seguir repetida prolongadamente, para atender a uma exigência do processo produtivo.” Aqui está o elo da cultura material criado pelo homem em sua existência humana. Nela, o homem objetiva o mundo humano por meio da técnica, cuja historicidade está presente na vida do homem em seu processo de produção da existência e de reprodução social, cuja base se assenta no trabalho.

No mundo social, Vieira Pinto (2005, p. 245) atesta:

[...] A práxis, da qual a técnica mostra um aspecto regular, metódico, consciente, representa a execução das possibilidades existenciais do homem em cada momento do desenvolvimento histórico de suas forças produtivas, sob a forma de invenção e fabricação de máquinas e utensílios. O homem é um ser vivo compelido biologicamente a criar para si o ecúmeno onde se instala. O animal, prisioneiro do acervo de instintos, que recebe por herança química, não possui práxis nem, portanto, técnica, mas se limita a usar a diminuta variedade de condutas estereotipadas de que dispõe, com o fim de enfrentar o desafio do momento. Está condicionado ao estado do meio ambiente e não pode modificar-se individualmente, só conseguindo fazê-lo pela via de seleção biológica. No animal, a espécie, enquanto totalidade, é quem representa um ser individual, que trava o jogo das contradições da matéria viva com a natureza inerte. Por isso, a espécie, e não o indivíduo, resolve as contradições com o meio, mas está obrigada a utilizar-se de mecanismos que transcendem a vida de cada exemplar, nega a individualidade, dissolvendo-a na existência dos congêneres. O homem, porém, escapa ao acorrentamento às variações hereditárias porque se converte em animal ‘prático’. Cada indivíduo humano constitui-se em ser autônomo porque interioriza, mediante o desenvolvimento de um particular tipo de reflexo condicionado, os motivos do comportamento, e assim o pode variar de acordo com as finalidades propostas para si mesmo [...].

A perspectiva histórica da técnica está presente no pensamento de Vieira Pinto, sob a qual ele demonstrou aqui. Há, neste ponto de vista, uma dimensão da hominização do antropeide em sua luta pela vida e, com ela, o caráter de humanização, determinado pela técnica criada para executar a produção de bens que ele necessita para sua existência no espaço-tempo de sua existência, cuja dialética demonstrada por Vieira Pinto é inquestionável para quem investiga o mundo real e concreto da existência do homem sob o paradigma da consciência crítica. Nela, ele aprende a ler o mundo na perspectiva do movimento histórico e dialético, cuja base material é o trabalho que forma os modos de produção no qual o homem nasce e produz sua existência no meio natural, objeto de sua ação para a criação de bens, portanto, objeto de transformação que, ao ser transformada, também transforma o sujeito da ação.

Conclusão

Em seus estudos, Vieira Pinto demonstrou que a existência humana possui uma dimensão histórica-social, cuja base em que se movimenta é sempre uma base natural transformada em social pelo trabalho. Na base natural, o homem necessita agir para resolver uma contradição inerente à produção da existência, cuja resolução é realizada pela criação técnica que a consciência humana desenvolveu por meio da investigação sobre a

realidade circundante, da qual emerge a ciência e o instrumento técnico para realizar a produção de bens necessários à vida material do indivíduo e, com ela, da comunidade. Na base social, o homem cria tudo, torna o mundo natural em mundo humano, pois ele objetiva o mundo por meio da ciência, sob o qual ele constrói e conceitua os objetos presentes na natureza por meio de representação do real, construída pelo pensamento no devir histórico do homem.

Deveras, o ser constituído pelo trabalho, no ato da produção da vida, produz e reproduz sua existência por meio da técnica criada no devir de sua existência, cujo ato constitutivo traz a criação da cultura de forma coetânea à existência e, com ela a ciência e o conhecimento socializado por meio da educação, na qual se objetiva as formas de existência em determinado espaço-tempo da vida do homem, que é singular ao grupo humano que o ato do indivíduo criou em conjunto com outros seres. Por isso, a vida do homem é sempre coletiva e ele age na produção da existência da comunidade que o acolhe em seu nascimento e espera dele os esforços de trabalho necessários à produção de bens úteis à vida comunitária.

Na luta pela vida, portanto, o homem produz sua existência e, com ela, a cultura, em um processo contínuo de produção de forma coetânea, na qual a dialética se manifesta no ato da produção da existência para resolver, de imediato, a contradição criada com a natureza.

Referências

VIEIRA PINTO, Álvaro. **A questão da universidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional**. Vol. 1. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional**. Vol. 2. Rio de Janeiro: MEC/ISEB, 1960b.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **El pensamiento crítico em demografía**. Centro Latino Americano y Caribeño de Demografía de la Naciones Unidas (CELADE). Santiago de Chile, 1973.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **La demografía como ciencia**. Centro Latinoamericano de Demografía [CELADE]. Santiago de Chile, 1975.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Por que os ricos não fazem greve?** Caderno do Povo Brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

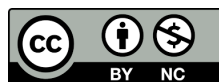
VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. São Paulo, Contratempo, 2005.

Submetido em: 23/03/2025

Aprovado em: 16/10/2025

Publicado em: 13/04/2026



Esta obra está licenciada com uma Licença
[Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)